



MENDIGOS DE CURTIDAS: A ética do reconhecimento através da violência no grupo “Ilha da macacada”¹

Mike Akama Mazurek²

Mestrando do PPGCOM - ESPM/SP em Comunicação e Práticas de Consumo.

Resumo

O SRSs (Sites de redes sociais) surgiram a pouco mais de uma década e logo se tornaram parte do cotidiano de muitas pessoas. Estes sites permitem a interação entre bilhares de pessoas ao redor do globo e é interessante notar que o contexto que as redes sociais promovem permite que certas práticas sejam evidenciadas. O presente artigo irá discorrer sobre algumas dessas práticas, no entanto, terá como foco as práticas que buscam reconhecimento por meio da violência. No caso, serão analisadas as práticas na rede social *Facebook*, especificamente de um grupo brasileiro chamado “A ilha da macacada” com mais de duzentos mil membros. Os exemplos que irei abordar mostram pessoas em busca de reconhecimento (por meio de curtidas) dentro da rede social, no entanto, as postagens apelam para o conteúdo violento.

Palavras-chave: violência; redes sociais; comunicação; Facebook; reconhecimento.

Introdução

O presente artigo busca discorrer algumas práticas sociais que estão presentes no âmbito virtual, mais especificamente, em um grupo da rede social Facebook chamado de “Ilha da Macacada” com mais de trezentos mil membros. As práticas que serão abordadas levantam algumas questões em torno do uso das ferramentas fornecidas pelo Facebook (compartilhamento de conteúdo, em vídeo, imagem ou texto) para um fenômeno denominado pelos próprios usuários deste grupo como

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 4 Comunicação, Consumo e Institucionalidades, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Graduado em Comunicação Social com ênfase em Publicidade e Propaganda pela Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo. Atualmente Mestrando pelo programa PPGCOM da ESPM. e-mail: mike.akama@hotmail.com



“mendicância de *Likes*“, em que usuários buscam pelo reconhecimento através de “curtidas”.

No entanto, os casos selecionados neste artigo apelam para o conteúdo violento para alcançar tal reconhecimento, seja esta violência cometida contra outra pessoa ou contra o próprio produtor do conteúdo. O grupo “Ilha da Macacada”, por possuir um número significativo de usuários, demonstra que grupos no Facebook podem alcançar números que antes não eram previstos. A função para criação de grupos na rede social, previamente, tinha como intuito criar pequenos grupos para facilitar o compartilhamento de informações, quando os usuários não tinham intenção de compartilhar uma informação com toda a sua rede de contatos, e sim, com algumas pessoas em específico, a função foi apresentada no ano de 2010.

Em um vídeo explicativo da rede social, podemos ver a ideia inicial da função:

A ideia é disponibilizar a opção de privacidade ao local onde até então era possível apenas compartilhar informações com grandes grupos de pessoas, como ‘amigos’, ‘amigos de amigos’ e ‘todos’. Com a nova visão de Grupos, o Facebook encontrou uma maneira simples para compartilhar informações com pequenos grupos em um espaço privado. A configuração padrão é fechada, o que significa que apenas membros acompanham o que acontece naquele grupo. Nesse espaço privado é possível postar as fotos rapidamente, fazer planos e acompanhar as conversas em andamento. A partir da ferramenta, o Facebook facilita para o usuário a divisão de grupos importantes de pessoas da vida, como: família, time de futebol, baladas. Tudo o que o usuário tem que fazer é criar um grupo, adicionar os amigos e começar a compartilhar (2010, Outubro 7).

Apesar da ideia inicial, os grupos de Facebook cresceram com o tempo, tanto em números de grupos, quanto de usuários participantes. O grupo “Ilha da Macacada”, assim como muitos outros, por lidar com um grande número de usuários, acabou perdendo controle do conteúdo que poderia ser compartilhado dentro do grupo, e por consequência, foi denunciado diversas vezes e tirado do ar.

Porém, com o tempo, os administradores do grupo estipularam regras de conduta para os seus integrantes seguirem, e qualquer infração cometida faria com



que o usuário fosse retirado do grupo. A proposta inicial do grupo era voltada para uma comunidade que se identificava com a cultura “gamer”, voltada para os games online e também para o espírito de descontração chamado de “zueira”. Nos dias atuais, parece que esta proposta ainda está vigente, no entanto, o tipo de conteúdo compartilhado é do mais diversos possível, variando desde o espírito de descontração, até fotos da vida pessoal de cada usuário. Porém, um fenômeno começou a se destacar dentro do grupo, a mendicância de “likes” por meio de conteúdo violento.

Normalmente os usuários que pedem as “curtidas” do Facebook são criticados pela comunidade, no entanto, é interessante notar que quando este “mendigo de likes” cria um tópico incitando um certo tipo de violência ele não será criticado, por exemplo, se o usuário pede “curtidas” em troca da exposição de um conteúdo que pode ser violento, contra si ou outra pessoa.

Tendo em vista que o usuário ao compartilhar um ato violento, ele busca ser reconhecido pelo grupo, conseguimos observar que existe neste contexto um fenômeno interessante a ser estudado. Neste artigo, irei realizar uma breve observação não participante de uma postagem do grupo. Porém, como estou ainda construindo material em torno deste tema, pretendo, futuramente, realizar entrevistas não estruturadas com diversos participantes deste grupo, a entrevista seria não dirigida, com o intuito de investigar aspectos mais abstratos dos participantes.

A observação não participante, de acordo com Marconi e Lakatos, se define por:

[o pesquisador] presencia o fato, mas não participa dele; não se deixa envolver pelas situações; faz mais o papel de espectador. Isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida, ordenada para um fim determinado. O procedimento tem caráter sistemático (MARCONI E LAKATOS, 2010, p. 176).

A escolha da metodologia qualitativa se justifica pelos seguintes motivos, levantados pelos autores Sue Aran e Miguel Rodrigo (2012):



- a) a falta da pesquisa, qualitativa, discursivas sobre a violência na televisão ;
- b) a possibilidade de conectar os resultados com aqueles relacionados a emoções e os efeitos da violência na televisão; c) o discurso dos telespectadores nos permite os relacionar com o sistema de valores dos contextos culturais em que os mesmos são produzidos (ARAN & RODRIGO, 2012, p. 157, tradução nossa).

Apesar do fato que as pesquisas realizadas por Sue Aran e Miguel Rodrigo tivessem como foco a violência no âmbito da televisão, suas observações ainda são válidas para as pesquisas relacionadas à violência.

O estudo deste fenômeno se mostrou interessante quando tive meu primeiro contato com a comunidade em 2013, enquanto compartilhava o questionário de outra pesquisa que estava realizando sobre o consumo de bens virtuais nos games *online*. Na época, me interessei pelas questões que o grupo poderia levantar, tanto pelo fato de que o grupo compartilhar conteúdos que eram totalmente diversos, quanto pela quantidade significativa de usuários que compunham o grupo. Além disso, acompanhei o grupo durante anos e pude ver diversas mudanças relevantes relacionadas à como o grupo se estruturava, tentando, de alguma forma, controlar o conteúdo que era compartilhado pelos usuários. Para boyd e Ellison (2007):

sites de redes sociais também oferecem ricas fontes de dados naturalistas comportamentais. Perfis e os dados de ligações dos SRSs podem ser recolhidos através do uso de automatizado de técnicas de coleta ou através de conjuntos de dados fornecidos diretamente da empresa, permitindo aos investigadores da análise de rede explorar padrões de grande escala das amizades, o uso, e outros indicadores visíveis (Hogan, no impresso), e continuando uma tendência de análise que começou com a verificação de blogs e outros sites (BOYD E ELLISON, 2007, p. 220, tradução nossa).

Portanto, vi neste grupo, uma rica fonte de dados para possíveis análises de fenômenos sociais imbricados à estas novas formas de interação que se fazem possíveis através da tecnologia dos SRSs. Quando as primeiras formas de mendicância de likes surgiram comecei a acompanhar o grupo mais atentamente, tentando observar quais conteúdos eram mais “aprovados” pelo grupo, foi neste



momento que me deparei com a questão da violência consumida como forma de reconhecimento nas redes sociais, algo que ainda não havia sido explorado no âmbito acadêmico.

A violência é um tema bastante explorado na televisão, cinema, mídia impressa, videogames etc. No entanto, o estudo da violência no âmbito virtual, principalmente nas redes sociais, parece ser um fenômeno que carece de estudos acadêmicos, portanto, vejo que esta pesquisa pode explorar a questão da violência no cenário contemporâneo das redes sociais. Com isso, se faz importante compreender como estas novas ferramentas, disponibilizadas nas redes sociais, influenciam e reificam certos comportamentos de seus usuários.

Apesar deste artigo discorrer sobre um trabalho que ainda está em construção, não apresentando um caráter conclusivo, seu objetivo é expor a importância dos estudos de certos fenômenos comunicacionais no ambiente virtual e exemplificar tais fenômenos através de imagens adquiridas em uma breve observação não participante dentro da rede social.

Para desenvolver este artigo de maneira coerente, será feita uma breve contextualização dos SRSs (sites de redes sociais) e será elucidada a teoria da ética do reconhecimento de Axel Honneth (2003) para explicar o fenômeno do reconhecimento em um grupo social. Além disso, o artigo abordará o conceito de “violência” e sua presença no cenário comunicacional contemporâneo através de diversos autores.

Sites de redes sociais (SRSs)

Os sites de redes sociais surgiram a pouco mais de uma década e têm crescido gradativamente desde seu aparecimento na sociedade. O avanço da tecnologia relacionada à conexão com a Internet possibilitou que diversas pessoas ingressassem



no meio virtual, fato que corroborou para o crescimento dos SRSs, fazendo com que estes sites se tornassem parte do cotidiano de bilhões de pessoas³. Além deste crescimento quantitativo, existem também o crescimento em termos qualitativos, Beatriz Polivanov (2014) explica:

mas também em termos, por assim dizer, qualitativos, no sentido de que eles têm incorporado novas e variadas funções, como jogos *online*, *quizzes*, ferramentas para mostrar aprovação ou não de certo conteúdo (o famoso botão “curtir” do Facebook, apropriado posteriormente pelo LinkedIn, por exemplo), entre tantas outras. Seja para criar e/ou manter contatos profissionais, seja para compartilhar fotos com os amigos ou para divulgar um evento, entre inúmeras outras funções que os SRSs possuem, fato é que eles se tornaram um dos grandes centros das atenções na alta modernidade, seja no âmbito acadêmico, mercadológico, político, ou social (POLIVANOV, 2014, p.33).

Logo, os SRSs, permitem com que surjam grupos e/ou espaços específicos na Internet, nos quais são compartilhados dados e informações dos usuários, que variam nas mais diversas formas (fotos, vídeos, textos, etc.). Dentro dos SRSs, há também a criação de grupos pela afinidade de seus participantes, estes grupos podem ser denominados como comunidades virtuais.

Para que uma comunidade persista, algumas características se fazem necessárias, segundo Ávila (1975) “são elas: contiguidade espacial, interesses comuns e participação comum, havendo coesão interna da comunidade” (ÁVILA, 1975, apud CALAZANS e LIMA, 2013, p. 6). No caso das comunidades virtuais, a contiguidade espacial não se faz necessária, Howard Rheingold define essas comunidades como “agregados sociais surgidos na Rede, quando os intervenientes de um debate o levam por diante em número e sentimento suficientes para formarem teias de relações

³ Infográfico disponível em:

<<http://www.agenciaopen.com/blog/crescimento-redes-sociais-nao-para>> Último acesso: 13/05/2016.



peçoais no ciberespaço” (RHEINGOLD, 1994, p. 18, tradução nossa). Rheingold realça os aspectos positivos que as discussões em grupos online viabilizam:

a habilidade para pensar e compor uma resposta e publicá-la dentro da estrutura da conversação possibilita um grupo de pessoas a construir uma base de dados (...), em uma empreitada onde os participantes todos trabalham cada um em seu ritmo. Este tipo de grupo pensa junto diferentemente de como o mesmo grupo pensaria face a face ou em tempo real (RHEINGOLD, 1994, p. 62, tradução nossa).

Nas comunidades virtuais, como podemos observar, pode ser apresentado um espaço aberto para debates e discussões, com temas variam de acordo com as características dos integrantes desta comunidade, e de como estes irão se relacionar entre si. Os SRSs servem, “primordialmente, para os atores sociais criarem seus perfis *online* e se relacionarem com outros, deixando suas conexões, sua rede de contato, (semi) públicas”(POLIVANOV, 2004, p.33).

Pode-se observar o ambiente virtual proporciona um espaço em que se relevam interações humanas que ganham poder para se comunicar através da inteligência tecnológica dos SRSs, Para Pierre Lévy, este espaço é denominado de ciberespaço, o qual ele descreve como:

o ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos e da coincidência dos tempos. Não chega a ser uma novidade absoluta, uma vez que o telefone já nos habituou a uma comunicação interativa. Com o correio (ou a escrita em geral), chegamos a ter uma tradição bastante antiga de comunicação recíproca, assíncrona e a distância. Contudo, apenas as particularidades técnicas do ciberespaço permitem que os membros de um grupo humano (que podem ser tantos quantos se quiser) se coordenem, cooperem, alimentem e consultem uma memória comum, e isto quase em tempo real, apesar da distribuição geográfica e da diferença de horários (LÉVY, 1999, p. 49).

Portanto, os SRSs promovem uma interação constante entre seus usuários, direta ou indiretamente. Se faz necessário o entender, quais são os alicerces das SRSs, questionando as dinâmicas que estão presentes neste espaço.



Após esta breve explanação sobre o contexto dos SRSs, que se fez necessária para entendermos o contexto social em que o presente artigo está inserido. Agora, para a compreensão do reconhecimento à partir da violência, é necessário discorrermos sobre a teoria da ética do reconhecimento proposta por Axel Honneth (2003), será elucidada no próximo item.

A teoria da ética do reconhecimento

A teoria do reconhecimento parte da hipótese que o entrecruzamento de ligações intersubjetivas se estabelece como o intermédio para construção da identidade do indivíduo e para a elaboração da esfera social (DIETZOLD, 2012). A teoria do reconhecimento, para Honneth, se estrutura da seguinte maneira:

são as lutas moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa de estabelecer institucional e culturalmente formas ampliadas de reconhecimento recíproco, aquilo por meio do qual vem a se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades. (HONNETH, 2003, p. 156).

Portanto, as pessoas e seus respectivos grupos sociais somente poderão formar sua identidade quando ambos forem legitimados intersubjetivamente. A teoria de Honneth realça a relação existente entre a construção da identidade pessoal, em virtude do desenvolvimento moral das sociedades. O autor resgata a teoria do reconhecimento dos textos do filósofo Georg Hegel, abordando questões em torno dos direitos humanos, justiça, cidadania, entre outros, e com isso, busca fundamentar sua própria versão da teoria.

Para Honneth (2003) existem três formas de reconhecimento, sendo elas: o amor, o direito e a solidariedade. Portanto, a busca pelo reconhecimento sempre se inicia a partir do descumprimento das formas de reconhecimento citadas. Salvadori (2011) explica:

Toda luta por reconhecimento inicia por meio da experiência de desrespeito. O desrespeito ao amor são os maus-tratos e a violação, que ameaçam a



integridade física e psíquica; o desrespeito ao direito são a privação de direitos e a exclusão, pois isso atinge a integridade social do indivíduo como membro de uma comunidade político-jurídica; o desrespeito à solidariedade são as degradações e as ofensas, que afetam os sentimentos de honra e dignidade do indivíduo como membro de uma comunidade cultural de valores. (SALVADORI, 2011, p. 191)

A primeira forma de reconhecimento, que parte do amor, contém emoções primárias, como o amor e a amizade. De acordo com Camurça (2011):

as primeiras se concretizam por meio das relações de amor e seriam as mais fundamentais para a estruturação da personalidade dos sujeitos. (...) Disso advém a possibilidade da autoconfiança. Para Honneth, em cada relação amorosa se atualiza o jogo dependência/autonomia oriundo dessa fusão originária, dele dependendo a confiança básica do sujeito em si mesmo e no mundo. (CAMURÇA, 2011, p. 143)

Conseqüentemente, nesta primeira forma de reconhecimento, o indivíduo somente se sentirá realizado se houver, na sua experiência de amor/amizade, a possibilidade da existência da autoconfiança.

A segunda forma de reconhecimento aborda as relações de direito, com base nos princípios morais públicos organizados na contemporaneidade. Esta forma de reconhecimento é pautada da necessidade do indivíduo ser reconhecido pelo grupo como igual. Neste caso, o sistema jurídico entra como apaziguador, demonstrando que não existem privilégios para certos membros da sociedade, ou seja, todos os integrantes da comunidade possuem os mesmos direitos. Através desta forma de reconhecimento, os indivíduos se reconhecem mutuamente como iguais, e conseqüentemente, gerando o autorrespeito, que para Honneth, se define como: “consciência de poder se respeitar a si próprio, porque ele merece o respeito de todos os outros” (HONNETH, 2003, p. 195). Meucci (2016) exemplifica:

vemos essa necessidade de reconhecimento em importantes eventos históricos, como o fim da escravidão, os movimentos operários exigindo justiça no valor pago pelo seu trabalho, os movimentos civis estadunidenses pela igualdade racial e os atuais programas sociais do governo brasileiro (Bolsa Família, Prouni, Luz para Todos etc.) (MEUCCI, 2016, p. 52).



Por fim, a terceira e última forma de reconhecimento, a solidariedade, essa aponta para o aceitamento mútuo das características do indivíduo, que são consideradas a partir dos valores vigentes na comunidade em questão. Para Meucci (2016):

a terceira forma, a solidariedade (*Der Solidarität*), é vista por Hegel como um processo de estima pelo grupo ao qual se pertence. Porém, para Honneth, a solidariedade advém de uma autorrelação de reconhecimento e orgulho dos membros de um grupo em que se está inserido. É uma relação interativa em que os sujeitos tomam interesse, de modo recíproco, por seus modos distintos de vida, já que se estimam de maneira simétrica (MEUCCI, 2016, p. 54).

Logo, por meio deste reconhecimento, se germina a autoestima, pois, os membros do grupo em questão se reconhecem por suas qualidades e realizações pessoais. Com isso, Honneth (2003) afirma:

Para poderem chegar a uma auto-relação infrangível, os sujeitos humanos precisam, além da experiência da dedicação afetiva e do reconhecimento jurídico, de uma estima social que lhes permita referir-se positivamente a suas propriedades e capacidades concretas. (HONNETH, 2003, p. 198).

Após esta breve revisão teórica, no que se refere à ética do reconhecimento de Axel Honneth, se faz necessário a revisão sobre o conceito de violência e sua relação com o cenário comunicacional, o qual será o item a seguir.

Comunicação e Violência

A primeira coisa que devemos levar em conta quando observamos este fenômeno denominado como “violência” é que este se caracteriza por ser polissêmico e plural, ou seja, um ato considerado como violento irá variar de acordo com o contexto social em que se está inserido, Yves Michaud (1989) afirma:

há violência quando, numa situação de interação um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais (MICHAUD, 1989, p. 11).



É importante também que façamos a distinção entre o conceito de “agressividade” e “violência”, entende-se agressividade como algo inerente ao ser humano, faz parte do âmbito da neurobiologia. A agressividade deve ser vista como um mecanismo natural do ser humano, por exemplo, o homem na sua evolução pôde ser agressivo para lidar com fatores externos que o ameaçavam, ou seja, a agressividade pode ser vista como algo positivo (RODRIGO, 1999).

No entanto, a violência está ligada à cultura, “a violência, resumidamente, é um produto da ação da cultura sobre a natureza, do ambiente sobre a biologia” (SANMARTÍN, 1998, apud RODRIGO, 1999, p. 28), ocorre então a transformação da agressividade na violência através da cultura, e conseqüentemente, em algo negativo.

No cenário comunicacional, as pesquisas sobre violência acompanham a evolução dos meios de comunicação com o passar do tempo, desde a televisão, até o videogame. Tendo em vista que existe uma interação entre a sociedade e os meios de comunicação, em que um influencia o outro de forma recíproca, o estudo da violência presente nesta interação é de extrema importância.

Pode-se afirmar que os meios de comunicação se utilizam de comportamentos sociais classificados como violentos para atrair a atenção de seu público. Vemos que na “lógica informativa dos meios de comunicação existem eventos que são visíveis em sua essência, enquanto outros devem ser apresentados de uma forma para que tenham mais possibilidades de virar notícia”(RODRIGO, 1999, p. 30, tradução nossa), ou seja, alguns conteúdos, que antes não pareciam atraentes para o público, podem ser adequadas através da violência para que se tornem uma “boa” manchete.

Portanto, a violência é transformada em um produto que pode vir a ser consumido por diversas pessoas, para Porto (2002):

com o fenômeno da violência, transformado em produto, com amplo poder de venda no mercado de informação, e em objeto de consumo, fazendo com



que a “realidade” da violência passe a fazer parte do dia-a-dia mesmo daqueles que nunca a confrontaram diretamente enquanto experiência de um processo vivido (PORTO, 2002, p. 163).

Assim, os meios de comunicação, através do espetáculo, constroem as informações como uma proposta de conhecimento da realidade social. Michaud (1989) afirma:

como podemos constatar, num dia calmamente banal fica difícil fazer um jornal ou um noticiário de TV para anunciar que não aconteceu nada. A mídia precisa de acontecimentos e vive do sensacional. A violência, com a carga de ruptura que ela veicula, é por princípio um alimento privilegiado para a mídia, com vantagem para as violências espetaculares, sangrentas ou atrozes sobre violências comuns, banais e instaladas (MICHAUD, 1989, p. 49).

Apesar dos meios de comunicação darem ênfase à violência na sociedade contemporânea, isto também pode vir a ser algo positivo, pois, a visualização da violência também pode ser um bom instrumento para enfrentar a própria violência, criando uma relevância em torno da presença da violência na sociedade, apesar do risco de simplificar um fenômeno tão complexo quanto este (ARAN & RODRIGO, 2013).

Feita a revisão bibliográfica em torno da ética do reconhecimento e da violência no cenário comunicacional, podemos partir para os conteúdos analisados do grupo “Ilha da Macacada”.

Postagem da Ilha da Macaca

Somente uma postagem do grupo “Ilha da Macacada” foi analisada, visando traçar os comportamentos dos autores diante da violência, assim como os usuários que interagem com o conteúdo postado, buscando possíveis julgamentos feitos sobre a violência, sua prática e o lugar em que é inserida no grupo social. Para isso, foram analisados 150 comentários na postagem do usuário X, e quais as reações dos usuários em relação ao conteúdo (likes, amei, haha, uau, triste e grr).



Os comentários foram separados nas seguintes categorias: apoia a violência explicitamente (pedindo a repetição do ato, elogiando o autor), apoia a violência implicitamente (risos, referências à músicas, marcações de amigos), não apoia a violência (questiona o ato) ,comete violência contra o autor do vídeo (através de palavras pejorativas contra o autor/conteúdo).



FIGURA 1: exemplo de mendicância de likes. Usuário pede likes em troca da violência à um terceiro.

Resultado da análise:

- Apoia a violência explicitamente: 118 comentários.
- Apoia a violência implicitamente: 19 comentários.
- Não apoia a violência: 7 comentários.
- Comete violência contra o autor do vídeo: 6 comentários.

O número de likes no vídeo postado é de 693 likes, “haha” (reação de riso) são 20 e “amei” (reação com coração) são 3. No tópico original o criador do conteúdo pediu por mil likes para realizar o ato (jogar um ovo em uma criança que está sentada), o tópico recebeu mil e setecentos likes, 15 “haha”, 3 “amei” e 7 da reação triste (emoji com uma lágrima) coincidentemente o mesmo número de comentários que eram não apoiavam a violência.



A partir deste breve exemplo, podemos observar que existe, portanto, uma luta por reconhecimento sendo travada pelos participantes deste grupo, assim como aponta Meucci:

Na esfera amorosa, os homens se encontram em uma posição paradoxal entre o desejo de pertencer a um grupo, que reflete uma dependência da aceitação, e o desejo de independência em relação aos costumes do grupo em nome da própria identidade. (MEUCCI, 2016, p. 53)

Levantamos as seguintes premissas que iram nortear a construção deste trabalho:

1. Existe por parte do grupo social, o reconhecimento através do consumo de violência (fazendo uso da teoria de Axel Honneth).
2. Essas relações sociais se estruturam na violência.
3. Os usuários enxergam o reconhecimento simbólico na rede social, quase como, uma moeda de troca.
4. Os usuários mais jovens estão mais dispostos à incentivarem atos violentos e serem espectadores ou produtores deste conteúdo.
5. “A violência pode ser tornar o conteúdo e o substrato das representações sociais” (PORTO, 2002, p. 160) no grupo a Ilha da Macacada.

Portanto, é necessário que seja explorada, de maneira mais aprofundada, a questão das formas de reconhecimento dentro do grupo, e além disso, como os participantes deste grupo percebem o conceito de violência, na tentativa de abordar fatores culturais presente neste contexto. Deve-se questionar quais são os fatores subjacentes à ação considerada como violenta destes usuários, visando melhorar a compreensão que o âmbito acadêmico possui das interações no ambiente virtual.



Referências

ARAN, Sue & RODRIGO, Miquel. **La noción de violencia en la ficción televisiva: la interpretación infantil**. Comunicar, Barcelona, v. XX, no 40, p.155-164, 2013.

ÁVILA, Fernando Bastos de. **Pequena enciclopédia de moral e civismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1967.

BOYD, Danah; ELLISON, N. B. "Social network sites: definition, history, and scholarship". **Journal of Computer-Mediated Communication**, 13 (1), article 11, 2007. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>. Acesso em: 14/05/2016.

CAMURÇA, José Aldo. **A categoria "reconhecimento" na teoria de Axel Honnet**. Periódico Argumentos, Fortaleza, Ano 3, N°. 5, p. 140-147, 2011.

DIETZOLD, Marcel Schneider. **Teoria do Reconhecimento**. A proposta hegeliana para uma ética social. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luis Repa. São Paulo: Ed.34, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

MEUCCI, Eduardo. **Os Vínculos entre Educador e Educando no Ensino Médio: Experiência de Ética e Reconhecimento em Escolas Públicas**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016.

POLIVANOV, Beatriz. **Dinâmicas identitárias em sites de redes sociais** : Estudo com participantes de cenas de música eletrônica no Facebook. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

PORTO, Tania Maria Esperon. **Adolescentes e comunicação: espaços de aprendizagem e comunicação**. Comunicar, Barcelona, n. 24, p. 133-141, 2005

RHEINGOLD, H. **La comunidad virtual: una sociedad sin fronteras**. Colección Limites de La Ciencia. Barcelona: Gedisa Editorial, 1994.

RODRIGO, Miquel. **La representación de la violencia en los medios de comunicación**. Barcelona: RCSP, 1999.

SALVADORI, Matheus. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 16, n. 1, p. 189 - 192, 2011.